

## O CONCEITO DE MUNDANIDADE DO MUNDO EM *SER E TEMPO*.

**Crislane Barreto Santana<sup>1</sup>, Tatiane Boechat A. Zunino<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: crislanebarretto@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tatiboechat@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Dasein, instrumento, significância.

### **INTRODUÇÃO:**

O trajeto traçado neste projeto de pesquisa – o conceito de “mundanidade do mundo” (*die Weltlichkeit der Welt*) – consiste na análise do conceito ontológico-existencial de “mundanidade” (*Weltlichkeit*) como caráter do próprio existente humano (*Dasein*). Com isto, tomamos como tema investigativo o conceito de ser-no-mundo (*in der Welt sein*), que é um fenômeno da cotidianidade do *Dasein*. Esse termo é aplicável exclusivamente ao *Dasein* em um determinado aspecto de mundo próprio a ele. Deste modo, devemos perceber o mundo como instância em que este ente se lança em um jogo com seu próprio ser, fazendo-nos notar os múltiplos *modos de lidar* com os entes no mundo ou, mais especificamente, com os entes intramundanos.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Foram utilizados livros, artigos, resenhas, teses, dissertações, dicionários e vídeo-aulas como ferramentas complementares da pesquisa filosófica. A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica aliada à análise textual, cuja finalidade se constitui numa consulta sistemática e cuidadosa de escritos correlatos ao tema e respectivo objetivo do presente resumo. O desenvolvimento da pesquisa tem como passo investigativo fundamental a leitura e análise de textos e conferências de autoria do filósofo Martin Heidegger, assim como comentários de estudiosos ligados à questão proposta. Consultamos também recursos digitais da literatura secundária, ao parecer-nos pertinente.

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Pensar *a Mundanidade do Mundo* é refletir sobre a própria identidade da filosofia heideggeriana. O filósofo alemão Martin Heidegger, pensou questões esquecidas e pertinentes a sua época que passava por inúmeras crises, principalmente no campo das ciências. Heidegger em 1927 publica *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, obra que é considerada por muitos um marco na filosofia do autor e do século XX. Heidegger nela expõe uma questão que se arrastará por toda sua trajetória filosófica, a saber, o pensamento do sentido do ser.

Para tratar adequadamente a questão, o autor propõe uma analítica existencial do existente humano que co-pertence à questão fundamental levantada por ele. A analítica existencial se justifica na medida em que o existente humano é o único ente que carrega em si a possibilidade de questionar e compreender o ser dos outros entes ao mesmo tempo em que está em jogo o seu próprio ser. Desse modo, Heidegger traz a Ontologia Fundamental como base a esta investigação aliado ao método fenomenológico e a uma hermenêutica filosófica; tais conceitos (Fenomenologia e Hermenêutica) foram resgatados e propostos para assim integrar o plano investigativo da filosofia heideggeriana.

Nota-se que nos parágrafos introdutórios de *Ser e Tempo*, Heidegger nos fala da “necessidade de uma retomada explícita da questão do ser” onde o mesmo aponta que a tradição filosófica (a tradição metafísica) erroneamente a interpretou. *Sein und Zeit* nos

oferece a perspectiva de perguntarmos novamente pelo sentido do ser, ao passo que, reaviva a ontologia como caminho de investigação sobre o ser e o seu sentido, assim se constitui a peculiaridade do questionar ontológico heideggeriano.

A partir do desenvolvimento de uma Ontologia Fundamental, Heidegger traz para o centro da investigação o existente humano, que agora, não mais será referido como homem e, sim, como *Dasein*, único ente capaz de perguntar e questionar sobre o sentido do ser, e que possui em sua constituição a abertura ao sentido. Após apresentarmos em notas introdutórias o projeto ontológico de *Ser e Tempo* e suas implicações, a saber, a questão fundamental sobre o sentido do ser, nos ateremos a uma das características fundamentais do *Dasein*, o ser-no-mundo. Iniciaremos esta exposição dizendo que o ser-no-mundo é estrutura fundamental para o existir do *Dasein*, na medida em que este ente desde sempre já se encontra lançado no mundo e guarda uma relação recíproca para com seu próprio existir. É preciso salientar que não há rupturas nesta relação, não estamos lidando, com duas “coisas” distintas, *Dasein* e mundo, estamos sempre nos referindo a uma unidade. Por isto o conceito de ser-no-mundo, simboliza uma união que desde sempre já está implícita. Próximos à questão central deste relatório, exporemos agora, como Heidegger introduz a ideia de *mundanidade do mundo* aliado ao modo do *Dasein* como ser no mundo. Para tanto, nos propusemos entender como se dá esse encontro e como adentraríamos ao conceito existencial mundo. Desta maneira, lançaremos mão do método fenomenológico exposto no §7 de *Ser e Tempo* para explicarmos como apreender o fenômeno do mundo: a *mundanidade do mundo*.

Deste modo, para compreendermos a imersão do método fenomenológico dentro da ontologia heideggeriana, trataremos da *compreensão* como um dos existenciais fundamentais do *Dasein*, pois é no compreender que *ele* projeta seu ser para as possibilidades significativas de mundo. Nas análises textuais de *Ser e Tempo*, nota-se especialmente no §31 que a compreensão do *Dasein* é um *poder-ser* que se caracteriza como “possibilidade”. Ou seja, a descrição do *poder-ser* está vinculada à noção de possibilidade do modo de ser do existente humano, que reside na ocupação com os entes e com os outros *Dasein*. De tal modo, podemos dizer que essa ocupação é a via de acesso à abertura, ao campo das significações. Notamos nesse contexto que a compreensão do ser está associada ao comportamento para com os entes, comportar-se é relacionar-se com sentido, assim este fenômeno é concebido pelo *Dasein* que compreende e interpreta mundo. Heidegger dirá que as possibilidades aparecem como determinação ontológica mais originária, pois é aliado ao método fenomenológico que permite-lhe a visão capaz de compreender o *poder-ser* e propiciar pensar esta abertura ao mundo. Portanto, o aparecer do fenômeno está diretamente ligado ao caráter constitutivo da abertura do *Dasein*, que lançado ao mundo mantém-se em relação intrínseca às projeções nos cenários interpretativos do seu modo fático. A vida fática do *Dasein* é uma das estruturas fundamentais da sua existência, pois em si articulam-se as experiências do mundo circundante que, de um modo próprio, efetivam-se na dimensão das aparições dos fenômenos, ou seja, daquilo que lhe vem ao encontro, aparecendo-lhe em significações, “exigindo” do *Dasein* modos de interpretação dentro das circunstâncias na qual se encontra inserido. Assim o fenômeno pode ser percebido como a descrição do movimento do mostrar-se: trata-se do modo como às coisas se manifestam, a saber, o caráter de ser das “coisas” que aparecem ao *Dasein* e se dão dentro do mundo; na vida fática e neste âmbito acontecem o mostrar-se do fenômeno como compreensão que possibilita os modos relacionais do *Dasein*, descrevendo assim seu modo originário: ser-no-mundo. De tal modo os entes que vem ao encontro e se mostram em significações dentro de uma situação ocupacional, ao que Heidegger nomeou de *ocupação* (*Besorgen*). A ocupação aqui pode ser entendida como um conhecimento próprio, no âmbito da lida, da “prática” com as “coisas”

no mundo. É nesse sentido que o fenômeno se mostra ao *Dasein*, através do ser dos entes que vêm ao encontro, enquanto ao *Dasein* se dá uma compreensão destes entes não de modo teórico e sim ocupacional.

Portanto, na ocupação são demonstrados os cenários de aparição do fenômeno perante o *Dasein*, e isso se justifica na medida em que, neste momento, o ser dos entes abre-se em possibilidades; tais possibilidades garantem ao *Dasein* modos de compreender os entes no mundo, encontrando maneiras variadas de situações ocupacionais, pois o compreender possibilita uma rede de interpretações significativas de mundo. Essa situação ocupacional descrita acima pode ser entendida também por manualidade, pois a mesma constitui a mundanidade do mundo, porque o mundo é condição ôntica de possibilidade. O modo de ser desse ente que vem ao encontro do *Dasein* no mundo é a manualidade.

A mundanidade pode ser descrita também como um conceito ontológico pensado como a base da estrutura constitutiva do ser-no-mundo, sendo um existencial que garante o existir do *Dasein*, ele ser isso que ele é. Assim, notamos que a estrutura da mundanidade encontra-se vinculada à relação que o *Dasein* guarda com o mundo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

O fenômeno do mundo, portanto, é o que possibilita que os entes se mostrem como entes à mão enquanto instrumentos. O manual que vem ao encontro do *Dasein* no mundo refere-se de algum modo à constituição ontológica da *mundanidade do mundo*, pois em todo manual o mundo já se encontra aberto às mais variadas possibilidades, pois é no mundo que ele se mostra à mão. Dentro da constituição do manual há o fenômeno da referência, isso significa que o manual carrega em si a ação de estar sempre referido a algo, sendo a conjuntura o traço ontológico desse manual. Nesta perspectiva em que o *Dasein* compreende a referencialidade dos intramundanos constitui a estrutura da *mundanidade do mundo*, pois o *Dasein* é familiarizado desde sempre a estas conjunturas e as compreende desde já pelo uso ocupado. Neste sentido introduzimos a ideia de significância, como aspecto da própria mundanidade do mundo, pois o movimento da referência tem ação de significar ao *Dasein* seus diferentes modos de ser em um mundo. O mundo em que o *Dasein* desde sempre está, essencialmente pertence à significância, pois é aí que residem as condições de possibilidades do *Dasein*, nas ações de compreender e interpretar mundo; a significância enquanto abertura, possibilita a movimentação do *Dasein* na conjuntura. Por fim, na manualidade é que se percebem os modos que possibilitam a mundanidade aos instrumentos, pois ela constitui-se como o princípio que fundamenta a *mundanidade do mundo*.

## **REFERÊNCIAS:**

### **FONTES PRIMÁRIAS:**

- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Trad. Marcia de Sá Cavalcante. RJ: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. Ser e Tempo. Trad. Fausto Castilho. RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- \_\_\_\_\_. A essência da verdade. São Paulo: Nova Cultural, 1991 - (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. Carta sobre o Humanismo. São Paulo: , 2005.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Marcas do caminho. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. Ontologia: hermenêutica da facticidade. Petrópolis: Vozes, 2013.

### **FONTES SECUNDÁRIAS:**

- BLANC, M. F. O fundamento em Heidegger. Lisboa: Piaget, 1984.
- BLANC, M. F. Introdução à Ontologia. Lisboa: Piaget, 2011.
- CASANOVA, M.A. Compreender Heidegger. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.
- DUBOIS, C. Heidegger: introdução a uma leitura. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2004.
- GIACOIA, OSWALDO. Heidegger urgente: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas. 2013.
- LEVINAS, Emmanuel. Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger. Lisboa: Piaget, 1997.
- SAFRANSKI, R. Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SCHMIDT, Lawrence K. Hermenêutica. Trad.Fabricio Ribeiro. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.
- STEINR. G. As ideias de Heidegger. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo. Cultrix. 1978.
- STEIN. E. Aproximações sobre Hermenêutica. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- STEIN, E. Seis estudos sobre Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1988.
- STEIN, E. Compreensão e Finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

### **MATERIAIS DE REFERÊNCIA**

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- INWOOD, M. Dicionário de Heidegger. Tradução Luisa Buarque de Holanda; revisão técnica, Márcia S. Cavalcante Schuback - Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.
- FLORENZANO, Éverton. Dicionario alemão-portugues. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1963.